



Claustros de Nossa Senhora da Oliveira  
(GUIMARÃES)

(Cliché de Luiz do Souto)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

**Ilustração Catholica**

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . . . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . . . .	600
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce o importe das despesas.	
Numero avulso . . . . .	60

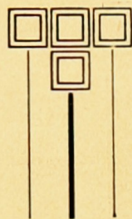
# Collegio Povoense

FUNDADO EM 1907

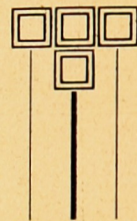
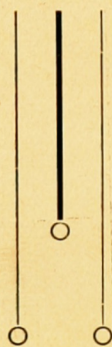
Pensão annual — 120\$000 reis

## POVOA DE VARZIM

A MAIS LINDA PRAIA DO NORTE DE PORTUGAL



Estabelecimento  
modelar,  
optima installação,  
clima maritimo  
saluberrimo



Lecciona  
instrução primaria,  
curso geral  
dos Lyceus e curso  
commercial



Os alumnos habilitados por este Collegio tem obtido sempre bom resultado nos seus exames

DIRECTOR *P.<sup>e</sup> Manoel R. Pontes*

## Artigos Photographicos

As maiores novidades  
em chapas, aparelhos,  
productos, cartonagens  
e papeis.

Fornecedores dos principaes  
estabelecimentos scientificos.

Photographia artistica  
Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de  
ampliação á disposição

dos amadores.

Lições praticas de photographia.

Acabamento de todos os  
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os  
artigos do seu commercio

Mandam-se catalogos gratuitamente.  
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de outubro de 1913

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 17 — Anno I



GUIMARÃES—Padrão de Nossa Senhora da Oliveira

(Cliché do phot. amad. sr. Luiz do Souto).

**H**A uma expressão portugueza que resume e define admiravelmente, e até com certo pittoresco, a presente situação politica republicana: é *tocar a quebrado*...

Dos campanarios dos partidos chegam-nos sons desesperados, só comparaveis aos das sinetas de bordo em momentos de naufragio imminente. Não é apenas o lamento carpido sobre o cadaver d'uma ideia, mas a visão cruciante da voragem arrancando á alma um grito aphonico de pavor!...

Constatemos o facto, abandonando aos meteorologistas a predição de novas modificações atmosphericas e aos enfatuados senadores o largo e tremebundo gesto que acompanhará a resabida e banalissima formula: *Caveant consules*.

Não é muito difficil aventurar qual a resposta dos consules. Um sorriso olympiaco e sereno lhes passeará nas faces como roxeado lirio desabrochando na humida terra d'uma sepultura, e a multidão retribuirá a honestidade que os consules lhes promettem com cortejos ullulantes de aclamações, ou mais praticamente, em votos eleitoraes.

Deixemol-os!... «Como os doentes e as creanças, os homens apaixonados deixam-se levar por baldas esperanças», disse Bossuet. Quando especuladas as causas da decadencia tudo se conhecer mais tarde, mesmo a immundicie, então se julgará imparcialmente sobre quem deve recahir o opprobrio e a quem deve dirigir-se a piedade.

Deixemol-os! Volvamos a assumpto mais puro que o fetido marnel da politica, a um sacrificio sancto de existencias suscitado só pelo amor de Deus, que um boletim parochial apontava, ha não muitos dias, a titulo de pedir para esse abençoado e abençoando gesto de caridade as esmolas das almas christãs. Não revelamos aqui o nome da freguezia, nem o do logar onde floresce tão piedoso asylo.

Fazemos resaltar apenas o contraste que se nota entre os odios corruptores dos ultimos resquicios de sanidade moral de certas classes hoje preponderantes, o alastramento da vingança tenebrosa, o trabucar de diatribes que invadem a vida particular de qualquer; entre esta insania e inconsciencia que, malbaratando as valorosas qualidades do povo, lhe dilaceram no coração o amoravel thesouro da sua crença, e procuram em tregeitos bruscos e brutaes, atabafar-lhe na garganta o grito indomito da sua liberdade; e o punhado obscuro de victimas d'esse mesmo odio e d'essa mesma insania, que, fieis interpretes do bello espirito christão, arrostam, n'uma rebeldia seductora e pertinaz, os decretos de oppressão, pagando os rancores, os vituperios, as vaias, com o prestimoso desvelo prestado aos que soffrem e teem sêde da divina justiça!

Vivem, por certo, ignorados do grande fausto das subscripções espectaculosas, em que a esmola é lançada e temperada como um pouco de viadade e

tambem um tanto de represalia ou de protesto: vivem longe do pregão das virtudes entrajadas de *réclamos*: não fallam d'elles os cavaqueadores dos botequins: não ha talvez quem se lembre—no meio de tantos protestos, de prosa crua, desdobrados em *cartas abertas* ou acoitados sob o capote do anonymato, em *cartas de um leitor assiduo* aos directores dos jornaes—não ha talvez, diziamos, quem se lembre d'este protesto valioso, d'esta revolta mais legitima porque é feita pela caridade alevantada contra o egoismo, pelo amor contra a inimizade, por Deus contra aquelles que blasphemam, pela liberdade contra a prepotencia satanica...

Embora! Nem por isso, elles deixarão de o praticar porfiadamente, com a energia que só a consolação de bem fazer fornece e franja de oiro.

Quem sabe, comtudo, se auxiliada por todos os que sentem o avigorar da fé, a cada silvo da violencia e da perseguição, essa obra não seria germen de um movimento mais amplo, e do amor que a vivifica não radiaria um exemplo soberanamente grandioso a servir de broquel contra investidas dos loucos, se não lograsse suster, como supplica e homenagem, a execução do seu abominavel plano de expulsão das Irmãs de caridade?

Recordou-nos este modesto afan caritativo, aquelle episodio da vida tumultuosa dos *boulevard*s parisienses, tão incisivamente narrado por Cunha e Costa, e que mais nos fere de vergonha.

Não valem insultos nem protervias contra a simplicidade d'aquelles habitos religiosos, e por toda a parte—mesmo em hospitaes portuguezes—medicos illustres proclamam o inexcédível merito e aptidão dos religiosos e religiosas de ordens caritativas, como seus auxiliares.

Bourget, n'um admiravel estudo sobre o grande cirurgião lyonez Poncet, publicado recentemente na *Revista Hebdomadaria*, alludia a este reconhecimento affirmado por incontrovertidas auctoridades:

«Poncet começára os seus estudos no pequeno seminario de Belley. Guardava, d'esta educação, um profundo respeito pelas coisas religiosas. Nos corredores do seu hospital, não cruzava com uma irmã de caridade sem se deter para lhe fallar. Ha dois ou tres annos, ao regressar de Italia, encontrou á entrada do hospital um dos seus alumnos. «Adivinhe o que aqui tenho»—disse-lhe Poncet mostrando a mão fechada. «Aposto se... E' um rosario que prometti trazer de Roma á irmã X... não fui a Roma, mas trouxe-lhe o rosario...» Um grande crucifixo de bronze ornamentava a sua sala de operações. Quizeram arrancar-lh'o. E elle energicamente se oppoz: «Paguei-o com o meu dinheiro, disse, é muito meu, ha-de ficar alli!»

Perguntará o leitor porque viemos dos tedientos tiroteios politicos até estas narrações de virtudes suavemente christãs.

E o chronista justificar-se-ha com as proprias palavras do auctor da *E'tape*:—é que «por estes tempos de estreito fanatismo anti-clerical de mesquinhas perseguições não é inutil relatar semelhantes feitos...»

F. V.



# OS NOSSOS BISPOS



D. Antonio Mendes Bello, venerando Patriarcha de Lisboa

*Nasceu em Gouveia no dia 25 de julho de 1842. Eleito Arcebispo de Mytilene em 24 de março de 1884 foi transferido para a diocese do Algarve em 13 de novembro de 1884 e em 19 de dezembro de 1907 promovido a Patriarcha de Lisboa.*

# LUIZ VEUILLOT



13 d'outubro de 1813.



Asoira do tempo poupa sómente aquelles predestinados ao triumpho que rompem as vagas espumejantes de malquerenças, detrações e injurias, como heroes lendarios espostejando infieis no entrevêro de rijas pugnas, e ao sol rutilante surgem alfim, mostrando no elmo o sulco de mil golpes frustrados e no aço polido que lhes cinge o peito bravo, os signaes de estocadas ineditas!



Luiz Veillot

Muitas, muitas vezes, a opinião dos coevos lhes é açoite e as suas boccas golpham diatribes amargas e asperrimas criticas, em vez de entoarem consagrações em hymnos de louvor. Mas annos transpostos, projecta-se um novo clarão sobre a individualidade que a memoria teima em não arremessar ao sepulchral esquecimento, ouve-se, crescendo poderosa e altisona, uma voz austera, a da Justiça, clamando o seu nome, recorda-se na remembrancha dos posteros tal ou tal singularidade, resalta uma virtude das lettras d'uma phrase, sobrepuja o talento, e como artista argamassando os troços d'uma estatua, dentro em pouco se levanta para a admiração das edades e dos homens, uma figura mascula que honra uma raça, illustra uma historia, attesta o vigor e a seriedade d'uma ideia!

... Luiz Veillot foi um d'esses. Nós, que nos libertamos de preconceitos de castas, que repudia-

mos as palavrosas tiradas, e seguros da disciplina intellectual, encontrada na religião catholica, temos acima das questiunculas miserrimas um principio mais nobre:—nós assistimos com alegria ao resurgimento d'essa genial figura de guerreiro, de pensador, de crente que se chamou Luiz Veillot. Como na hora do seu apartamento do mundo para o seio de Deus, curvam-se hoje ante elle adversarios e amigos, e volvidos cem annos, Veillot é saudado modelo de Apostolo, giganteo soldado, digno, ah! bem digno da defeza do ideal eterno da Cruz! Morreu com os seus braços, retêsos pela crispação do ultimo extertôr, atados aos braços do Symbolo da Redempção, e parece que alguma coisa da Sua gloria nimbou a fronte encanecida do herculeo fundador do *Univers!*

Como elle é grande! e como as novas gerações n'elle deparam a realisação completa do seu desejado mestre!

*Nos façons ne restent elles pas l'oeuvre indestructible des regards qui nous ont suivis et jugés durant notre enfance?*— escreveu Bourget. Applicado tão verdadeiro e encantador conceito á vida de Veillot, poder-se-hia dizer que o bracejo do cruzeiro de Boynes, o ambiente christianissimo da sua casa natal, a viva e perdurante recordação de seus paes, estabeleceram na sua alma uma robusta estructura, um residuo de fé, que, atravessado o periodo curto d'um desalento particular a edades moças, germinou, floresceu e fructuou os primorosos dotes, que foram e são ainda o timbre da alta admiração que lhe consagram.

Porque Veillot foi a flôr d'uma geração, e o cruzeiro de Boynes é um monumento a attestal-o.

A eloquencia empolgante do P.<sup>o</sup> Jauvier recordou-o ha dias n'uma oração em que a arte e a verdade se abraçavam.

O Cruzeiro de Boynes falla-nos da avó do grande batalhador da causa da Igreja.

Era no tempo soturno e grave do Terror. A canalha da região sobreexcitada com proclamações revolucionarias, projectára derrubar o cruzeiro.

O povo chorava apavorado de tamanha audacia. Marianna Bourassier, a avó de Luiz Veillot, envergonhou os poltrões. — «Que venham, gritava ella ao povo da aldeia, brandindo um machado. Ao primeiro que se atreva a tocar na Cruz de Jesus Christo, abro-lhe a cabeça!»

Um sopro vivificante beijou as almas dos camponios. Agglomeraram-se em torno do Cruzeiro, e em face de tal attitude a horda covarde e impia bateu em retirada.

Este gesto da aldeã passou para a vivida recordação dos descendentes, symbolisou-lhes a vida, retemperou-lhes a alma; e Veillot narra-o algures, na sua obra, com uma galhardia jovial e forte, como a propria fé que o robustecia!

Ao lado do povo tambem elle se manteve: não do povo que conspurcava o seu nome attentando contra a sublimidade da religião, mas d'aquell'outro, formado pelos heroicos e piedosos camponeszes que guardavam no lar, a tradição bem-



dita do seu culto! Nunca esqueceu a humildade da sua vida infantil, ainda nas horas mais tormentosas. Quando seu pae morreu, experimentou uma sensação amarissima, mas não de rancor ou odio social:

«Um clarão de verdade funebre, dizia elle, faz com que eu maldiga não do trabalho, da pobreza ou das minhas penas, mas da grande iniquidade social, a impiedade, que arrebatava aos pequenos d'este mundo a compensação que Deus quiz dar á inferioridade da sua sorte. E eu sinto o anathema a estalar na vehemencia da minha dôr!»

Amarrando ao pelourinho do sarcasmo, da infamia e do egoismo sordido o burguez velhaco que sorria ás facecias de Voltaire; causticando a sua exploração desmarcada, que olvidava os direitos e as almas a salvar n'este mundo: — Veillot, cumpria gratamente uma religiosa virtude, e realisava praticamente uma aspiração interior da sua vida.

mo, o gallicanismo, a corrupção do ensino, a apostasia e o crime.

«Foi um pamphletario soberbo, escreve insuspeitamente Gustavo Lanson, cujo absoluto desinteresse e humildade profunda lhe puzeram á vontade o temperamento; escriptor poderoso, alimentado nos velhos mestres, no commercio dos quaes desenvolveu a sua originalidade, possuidor d'uma grande intelligencia litteraria, escreveu paginas que hão de viver pela vivacidade mordaz do espirito ou pela côr violenta da paixão.»

Força indomavel da Egreja, força consciencientemente intrepida, tudo Lhe deu: e embora o não comprehendessem alguns dos que mais aproveitavam dos seus serviços, elle jamais cançou no bom combate, porque sabia que a maioria o considerava seu interprete. O clero parochial adorava-o, e n'uma viagem pela França, vinha acolhel-o ao caminho para ouvir da sua bocca o brado de cora-



GEREZ—Festas ao SS. Coração de Jesus. Aspecto da procissão

Tomando o partido da defeza da sociedade christã, contra a perfidia dos governos, obedece ainda aos dictames da sua consciencia de crente e de francez. E é tão implacavel na guerra, a ponto de alguém dizer que elle fez a policia da Egreja Catholica. Leva deante de si, chicoteados, o liberalis-

gem. E Veillot amava os parochos do seu paiz: queria-lhes com uma bondade sincera de irmão no sacrificio d'uma vida inteira... Um sorriso de Pio IX e um applauso do clero parochial faziam-lhe crepitar o coração em labaredas de bravura. Tudo pela Egreja!



E' difficil estudar a sua concepção politica se arredarmos o seu amor á França e a Deus. Partidario da legitimidade, crendo na Auctoridade e na unidade nacional, elle aprecia os acontecimentos segundo aquella divisa. Via o Papa atravez do Rei, e por isso defendeu a realeza do conde de Chambord. «Se nem sempre tem direito á nossa adhesão, escreve muito justamente Mauricio Vallet n'um livro recente, sempre merece o nosso respeito, porque indefectivelmente elle quiz servir a Deus e a Igreja, defendendo ou combatendo o Estado.»

Mas embora Veuillot nos apparente rispidez

da imprensa. Pratiquei n'ella durante a minha vida e não a amo: poderia dizer que a odeio: mas ella pertence á ordem dos males necessarios. Os jornaes tornaram-se um tal perigo que é necessario crear ainda maior numero d'elles. A imprensa só póde ser combatida pela imprensa, e neutralizada pela multidão.

Juntemos torrentes ás torrentes e que todas ellas formem um pantano, ou, se assim quizer, um mar. O pantano tem lagunas, e o mar, os seus momentos de somnolencia. Veremos se será possivel lá construir uma nova Veneza!»



GEREZ—Um grupo de aquistas no lavadouro em Villar da Veiga

(Clichés do phot. am. snr. Julio Maia).

endurecida, «amando o jornalismo da polemica, e a polemica para confundir os tolos», elle é um coração cheio de ternura. Leiam-se as paginas em que elle descreve a santa morte de sua esposa, o desvelo com que elle rodeia a educação de seus irmãos e filhos, a sua amizade tão pura a Eugenio Veuillot, aquellas suas cartas adoraveis a Carlota de Gramont, a narração dos seus serões, durante a calma das noites silenciosas, que mais o convence de que elle *aime à aimer*,—observe-se toda esta face da sua vida e teremos em nossa frente um Veuillot inédito, dôce, espirituoso e delicado, repousando a penna de combate, n'uma intimidade que encantou Saint-Beuve!...

Em 30 de setembro de 1871, escrevia elle a Quid'beuf estas significativas palavras que corroboram as impressões anteriormente expostas: —«São-lhe conhecidos os meus sentimentos ácêrca

Em 1883, o colosso é derrubado pela morte. Olhando tristemente o pedestal deserto, e desertos os bastiões heroicos do *Univers*, sentiu-se bem funda a magua por tão fulminante perda, e por muito tempo se ouviu o fragor da ruina! Mas jamais foi olvidada a sua memoria! E hoje, na celebração do centenario do seu nascimento, a todos cumpre tomar como exemplo aquelle que pediu este simples mas eloquente epitaphio para o seu tumulo:

«J'ai cru: je vois!»

F. D'ALMEIRIM.





# Cambiantes do Outomno



QUANDO chega outubro e as primeiras chuvas encharcam os caminhos e ensopam os campos, um fremito de maguada e friorenta tristeza percorre a terra despojada do oiro das searas e das tintas frescas das uvas.

E' o preludio das invernias bravas, dos moles nevoeiros, toucando as serras laceradas e barbaras, que as aguas arregoam em coleras espumantes e as

No progressivo e brando declinar dos dias, sente-se o languido quebranto da natureza, em pasmos de enervada e soffredora melancolia, mergulhada a terra inteira n'um deliquio de penumbrosa e scismadora tristeza.

A vida exuberante que floriu n'uma orquestração magnifica de sons e aromas como que se dilue na magua dos crepusculos e se cõa á alma inquieta dos que vão mundo em fóra desfolhando as pétalas das suas illusões, n'um trilho de eriçados e penetrantes abrolhos.

Estação de poesia e de sonho, tornou-se a inspiradora de muitas obras de arte que, em vãos largos de commovida interpretação, assignalam o dolorido poema das coisas—folhas que cahem, ventos que zimbram desesperadamente as arvores de troncos velhos e encarvoados, sons que morrem



BRAGA—Socios da Juventude Catholica da Veiga de Penso no "Penedo das Lettras Douradas,"  
(Cliché de J. J. Souza Guimarães.)

neves corõam em poalhos brancos, da brancura dos luares que, ahi por janeiro, caiam a desolação polar das paysagens.

E' o outomno que passa no seu luctuoso cortejo de agonias, desnudando as arvores amarelecidas a emergir da nevoa e laivadas pela luz incerta e suavemente triste d'estas manhãs perladas de agua e macias de sol, com trilhos de cotovias a acordar os lavradores e perdizes cantando timidamente, nas encostas semeadas de castanheiros, entre a cabelugem do matto, de tons verde-negros e o silencio carinhoso das ribeiras.

ciciantes na desolada agonia da fraga dura e hostil, aguarelas de esmerada cõra que serve de fundo o perfil das oliveiras, que a neblina esfumilha, a distancia, na saudade dos poentes irisados.

Os quadros de Rubens e Chéca — o *Rapto de Proserpina*—traduzem n'um symbolismo de arte pura, o gradual arrefecimento da terra, a quietude somnolenta das seivas, a ancia, o desespero, a dôr dos que vão arrebatados para a morte. Percebe-se que a florescente e esbelta filha de Ceres, roubada aos prados da Sicilia, se estorce receiosa e apavorada nos braços possantes e vigorosos do raptor.



Em Rubens ha mais sensualismo e menos força. E, como estas, outras obras de pintura trasclam o encanto inebriante da estação que passa e começa com as vindimas, a faina tão caracteristicamente nacional sob a torreira do sol, na enleuada ternura das nossas trovas populares, de um sabôr tão sentidamente portuguez e de uma delicadeza emocionante.

A pintura inspirou-se, por vezes, n'esta labuta agricola e a poesia cantou o vinho. Horacio e João Penha renderam ao fresco nectar afervorado culto.

Inspirado nos seus effeitos, Velasquez em *Los Borrachos* do Museu do Prado, foi surprehendente de belleza.

Cingem-no lendas de piedosa devoção. Creação genial, aquellas figuras são de uma realidade que esmaga. Topamol-as a cada passo pela vida fóra, dominadas pelo alcool, emboldriadas do visco das tabernas.



RIBEIRA DE PENA—«Cascata do Pico»

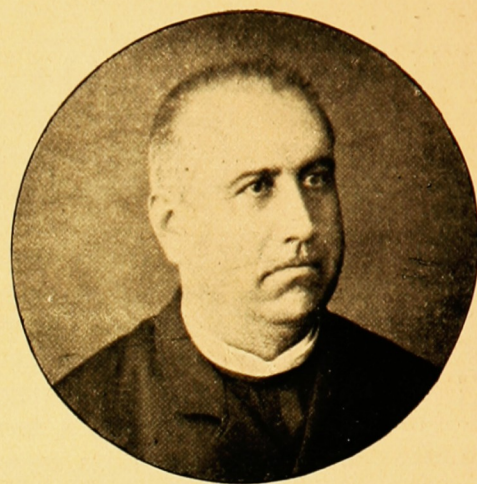
(Clichê do rev. J. Barrías)

Vindimas! Outomno! Morrem no ar sereno os ultimos aromas, ouve-se um fremito de azas riscando o poente em braza...

De longe, da praia tumultuaria chegam adeus: é o *flirt* que finda entre suspiros brandos.

Mais longe ainda sagra-se Pombal em prata, com *superavit* e tudo...

JOÃO DE CASTRO.



P.º Antonio José Torrinha Machado

(Natural da freguezia de Ronfe, concelho de Guimarães).

*E' um sacerdote muito virtuoso e illustrado e conhecidissimo na provincia do Minho pelo seu grande zelo apostolico.*

## O burro e o cordeiro



INHAM travado um burro e um cordeiro amiga conversação no seu estabulo.

—Hoje deram-me treze pauladas — dizia o burro. Bem contadas as tenho.

—Doeram-te muito? perguntou o compassivo cordeiro.

—Psst! regularmente. Tenho a pelle a isso costumada. E a ti?

—Uma pedrada nas lãs — pouco doe — porque tive tentações de pastar n'um campo de trigo.

—Que vida, deus Jupiter, que vida! — clamou o burrico dando um suspiro que fez ondear as bambinellas de teias de aranhas cheias de pó e suspensas do tecto.

—Que vida! — repetiu o cordeiro, como um echo do asno.

O burro era homem, digo, asno de juizo, e depois do suspiro, dirigiu ao bom do cordeiro estes considerandos:

—A vida de quem está sujeito é muito triste, meu cordeiro. Olha que vida tão differente a de outros animaes que não estão sujeitos: mandam e triumpham. Ouviste fallar do leão?

—Eu só ouvi fallar do lobo. Quão feliz é o lobo!

—E o leão como é feliz! Esses, sim, que disfructam. Esses, sim, que vivem bem! esses, sim, que... Brrr!...

—Sabes, amigo, o que hontem ouvi ao dono?

—Tu dirás.

—Pois dizia o contrario do que dizes. Dizia que é bem desgraçado aquelle que governa, e sobretudo, desgraçado o tyranno. Dizia que os de cima são mais infelizes do que parece, e que aquelles que não teem lei nem freio são mais desgraçados do que aquelles que vivem sob a lei.



—Dizia-o para tu ouvires, mas a mim não me engana. Antes quèria ser leão do que burro. Que desgraça, burro!

—E não ser eu lobo! Sou cordeiro, que desgraça, cordeiro!

—Não haverá remedio, deus Jupiter? Onde está a tua justiça?

—Deus Jupiter, ouve-nos.

—Jupiter.

—Jupiterrr...

Jupiter não foi surdo aos clamores dos dois animaesinhos.

—Asno — disse elle, — queres ser leão?

—Sim...

—Cordeiro, queres ser lobo?

—Sim... beeee.

—Então, ahi vae.

O burro sentiu que as orelhas se faziam pequenas, que a bocca lhe crescia, e os dentes se afiavam, que lhe cahiam os pezinhos e, debaixo d'ellas assomavam formidaveis garras.

Tambem ao cordeirinho manso caíram os pezinhos e nasceram-lhe unhas e dentes e com elles, energia e fereza.

O leão deu um rugido; de um salto quebrou a porta do estabulo e se lançou á rua seguido pelo lobo. Toparam com o cão de fila d'aquella casa.

—Ah! ladrão! — disse-lhe o lobo. — Quantas vezes me privaste de comer o que eu queria!—e de uma mordidella arreventou-o.

Os rugidos do leão e os ladridos do cão ferido alarmaram a visinhança. Todos se encerraram em suas casas. A uma janella assomou um homem com espingarda e despediu ás duas feras saraivada de chumbo. A maior parte tocou ao leão que o recebeu nas ancas, tocando ainda ao lobo parte d'elles.

—Auggg, uivou o lobinho, e o leão deu um terrivel grito.—Para o bosque, nosso reino. Aqui nos matam e, com o rabo entre as pernas fugiram despavoridos.

—Maus principios—murmurou o lobo.

—Bem maus,—respondeu o outro.—Amanhã desquitar-nos-hemos.

Com a comichão do tiro passaram má noite. No dia seguinte levantaram-se assaz aborrecidos e, como a fome apertava, o leão disse:

—Cada qual que faça pela vida—e, sem mais explicações, afastaram-se.

Estalavam os ramos sob as patas do rei das selvas, e fugia a caça medrosa. Saltou uma lebre; o leão correu atraz d'ella. Pulava, saltava, desesperam-se! Duas horas de insensata corrida! Fugiu a lebre; o regio caçador deitou-se entre o matto,

cansado, faminto. Quiz comer herva como em outros tempos—que tempos aquelles—mas os seus dentes não eram para verduras, nem o seu estomago tambem. O sopor da debilidade começou a invadil-o. Ouviu ruido; levantou-se de um pulo; sacudiu a melena... Um cavallo fugia, ajaezado, corria doidamente. Ao longe seguiam-no homens a cavallo. O leão incauto não via nenhum perigo, além d'isso, era rei dos bosques; que lhe importavam perigos? Deitou-se entre o matto. O leão deu um



BRAGA—Uma festa em Tibães. A procissão sahindo do templo

pulo e caiu sobre o dorso do cavallo, que relinchou de terror, e continuou correndo com o terrivel ginete em cima d'elle. O leão colheu-lhe o pescoço entre as fouces, ouviu-se rugir os ossos triturados e o cavallo caiu ao solo. Então o faminto rei do bosque começou a sorver-lhe o sangue. Resoou uma descarga, e duas ou tres balas se cravaram nas carnes. O seu sangue real misturou-se com o do cavallo. Quiz vingarse: mas os homens tinham subido ás arvores. Perdia sangue, julgou morrer e arrastando-se como pôde, chegou á cova. Allí encontrou o lobo, a quem faltavam uma orelha e o rabo, e tinha a bocca meio despedaçada. Uivava o pobre, quando chegou o leão moribundo.

—Ai!—disseram em duo as duas feras.



—Cura-me que me esvaio— supplicou o leão. O lobo, que não estava tão mal ferido, vedou com umas hervas as feridas do seu amigo: elle mesmo vedou as suas. Refizeram-se um pouco; e contaram as suas desgraças. O leão narrou as que soffrera.

—E tu como perdeste orelha e rabo?—perguntou o lobo.

—Tinha fome—respondeu este. Fui atraz d'um rebanho; o mastim me investiu e como elle tinha colleira, nos cravos d'ella feri os queixos. Elle, entretanto, arrancou-me uma orelha e o rabo. Ai!... Jupiter, Jupiter... Quem fosse cordeiro!

—Não me tentes. Vejo agora como o amo tinha razão de fallar como fallava dos que não teem lei e dos que a ella vivem sujeitos. Conformemo-nos com a nossa sorte e meditemos devagar a nossa aventura.

—Meditemos.

O asno, meditou com effeito, comendo de vagarinho o penso. O cordeirinho, cheia a pança, ruminava tambem devagar, devagarinho.

Ouvia-se fóra o som dos chocalhos das cabrinhas, o cacarejar das gallinhas, a cantilena d'uma mulher entre o tilintar dos utensilios da cosinha... A paz da casa!...

M. S.

## Fastos do Catholicismo

Por toda a parte é a Juventude a escolhida phalange da vanguarda da acção catholica. A franceza ha poucos dias em numero de 2:500 peregrinos foram de longada até Roma, onde S. Santidade a recebeu no pateo de S. Damaso, onde costuma conceder audiencia aos peregrinos.

Estes cantaram n'aquella esplendida praça interior do Vaticano um hymno em honra de Joanna d'Arc.

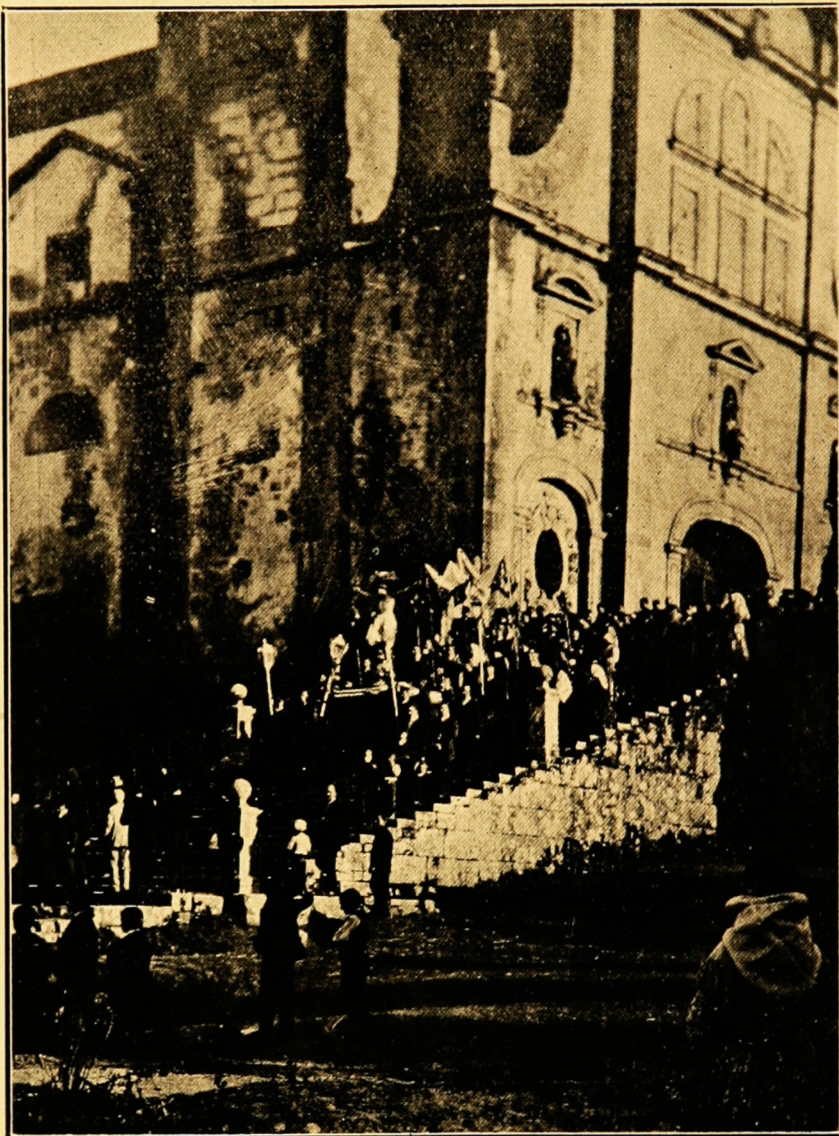
No dia seguinte realisou-se no Palace Hotel um banquete de confraternisação, offerecido pelo presidente da Juventude Catholica italiana aos peregrinos da Juventude Catholica franceza; os brindes trocados n'esse banquete foram um primor de delicadeza e carinho, recordando a fraternidade dos povos latinos no ideal christão.

\*

De Lourdes regressou recentemente uma bella e numerosa peregrinação portugueza conduzida á Gruta pelo nosso collega *Universal*, de Lisboa. Descrever o entusiasmo que despertam aquelles logares santificados pela presença de Maria Santissima, era tarefa tão grata como inutil pela mesquinhez das palavras com que a poderíamos fazer.

\*

Durante a peregrinação franceza e enquanto se fazia na esplanada a tradicional procissão, o aviador Malesherbes, do exercito francez, andou pairando com o seu magnifico monoplane sobre a gruta, fazendo no ar sereno caprichosas voltas. Foram quinze durante a procissão, correspondendo cada uma, a uma dezena do Rozario, que nas alturas resava o valente aviador pelos enfermos que via a seus pés na esplanada dos milagres de Maria Immaculada.



BRAGA—Tibães. Outro aspecto da procissão

—Jupiter, Jupiter... Quem fosse burro!—disse o leão.—Antes soffria, mas comia sem cuidados, davam-me alguma paulada, mas cuidavam de mim e me guardavam.

—Como a mim. Guauu! Jupiter torna-me cordeiro.

—Jupiter, torna-me burro!

E Jupiter que é um pobre deus, compadeceu-se outra vez dos dois miseraveis e n'um abrir e fechar d'olhos tirou-lhes a ensanguentada pelle, converteu-os na sua primitiva forma e conduziu-os ao estabulo.

—Recordas-te, burro, do que fomos? Queres repetir a oração a Jupiter?





BRAGA—Tibães. O pallio



BRAGA—Tibães. Um grupo de bracarenses na cêrca do velho convento beneditino



# FIGURAS DA BEIRA

VIII

Dr. João Mendes de Magalhães  
(CONCLUSÃO)



**E** agora o caracter. Regenerador ferrenho, braço forte do fontismo local, nunca trabalhou para si. Se as honras se lhe offereciam, repellia-as, tão inabalavel de gesto e resolução sincera, que ellas desistiam de o procurar. Mais d'uma vez o quizeram para deputado. João Mendes corria com a sua habitual graça e indicava com vehemencia os que julgava dignos da, n'esse tempo, sagrada missão. Assim, foi procurador á junta geral do districto quasi á força e, não podendo resistir ás solicitações para representar o povo de Lamego em côrtes, chegou a acceitar, mas preparando tambem os motivos de desistencia, que não tardou muito podê-la apresentar sem grande prejuizo partidario. E que adoravel alegria a d'elle, quando se viu libertado do que julgava pretencioso destaque!

Entretanto, todo elle era a familia e os interesses da sua terra. Todos os melhoramentos de Lamego lhe deveram auxilio e conselho. O facciosismo encontrou sempre no dr. João Mendes um inimigo denodado e integro. Amado, por isso, pelos mais ferozes adversarios, fez o bem com magnanimidade e utilidade. Avesso a glorias, não excitava invejas, conquistava corações. Mas nem esta conquista, legitima e digna, aproveitava para si: valorizava-a antes, com tocante paixão, a favor dos interesses da sua terra.

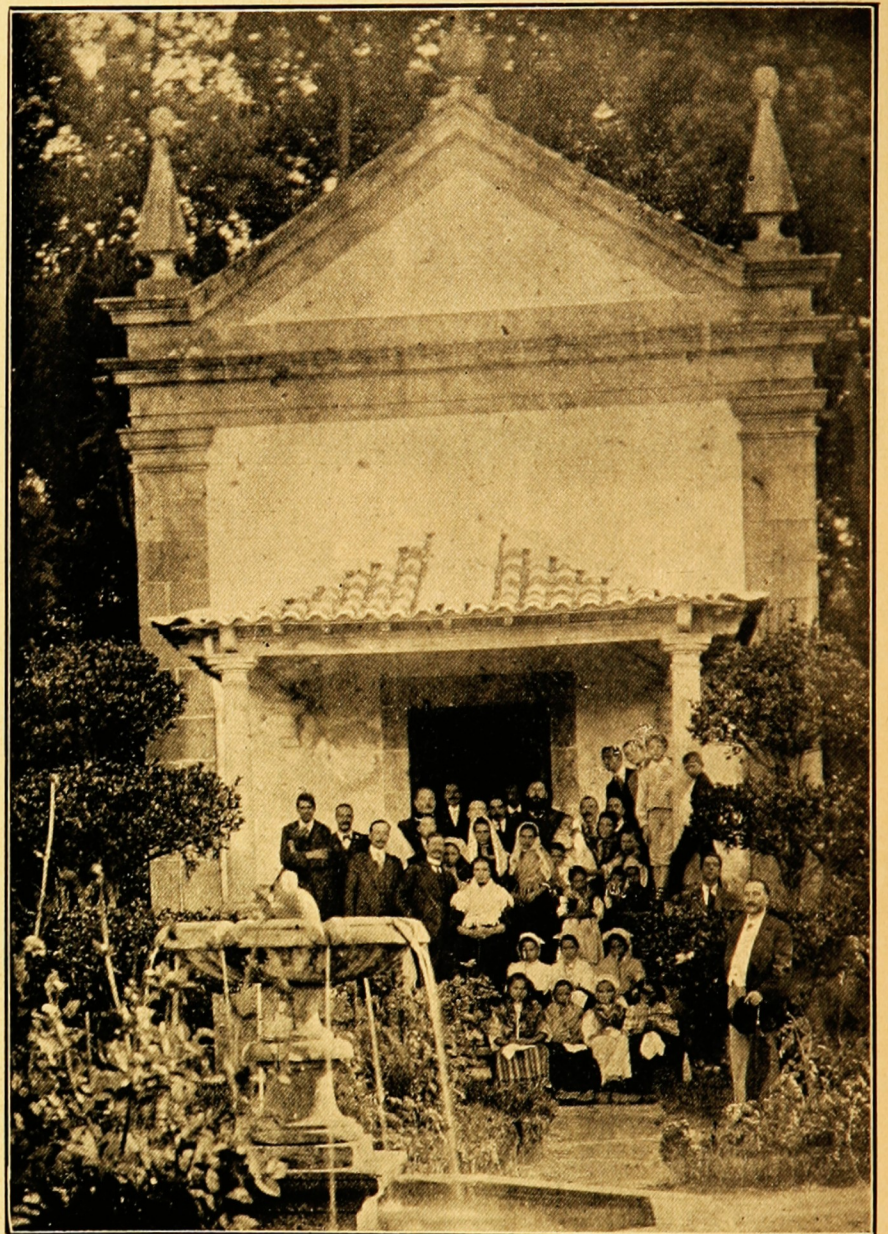
E, depois da sua terra, tudo eram os seus filhos. Desposado com uma senhora de educação nobilissima, D. Maria Amalia Ramalho Mendes, deu-lhe Deus filhos e filhas de nativa e rara distincção. O primogenito, João, promettia um grande medico e tambem grande tribuno. Parecia forte, apesar de bastante pallido.

Era uma figura já dominadora. Fronte ampla, coroada de cabellos um tanto açafreados. Alto, com uma linha esbelta e firme. Voz fluente, imaginação viva, um saber precoce. Tudo n'elle eram esperanças. Medico, e já notavel, finou-se, porém, inesperadamente em 1889, fulminado por uma vertiginosa tuberculose.

Esse filho levou ao dr. João Mendes grande parte do coração, da vida. E, comtudo, ficaram-lhe

filhos de esperançoso valor mental e moral: Alfredo Mendes, official superior de estado maior, deputado, governador civil de Lisboa, em 5 de Outubro de 1910, provavel ministro da guerra se a Monarchia se tivesse defendido; Arthur Mendes, engenheiro, intelligencia limpida e caracter cheio de pureza; Accacio Mendes, advogado de verdadeira eloquencia, hoje inspector primario; Albano Mendes, official da armada; Carlos Mendes, funcionario municipal na sua terra... e ainda as filhas, senhoras que em tudo, na linha, nas prendas e na virtude, honram seus irmãos.

Das filhas levou-lhe Deus uma, desposada com o dr. Accacio Guimarães... homem que singularmente me julga ainda o mesmo tavanex pedaço de cidadão que eu fui em tempos de mocidade. (Por



BRAGA—Tibães. Um grupo de romeiros junto á capella de S. Bento, na cerca do antigo convento

(Clichés do phot. am. sr. Julio Loureiro)

signal, que ainda não póde hoje apartar do mais flagrante desequilibrio mental o meu antigo estouvamento. Deus lhe perdoe, caso se engane muito).

O dr. João Mendes, quanto a mim, começou a agonizar depois da morte do primeiro filho. Come-





**FOZ DO DOURO—Antes do banho**

çou a sofrer do coração. Era mais triste a sua bondosa ironia. Frequentemente se conhecia que as palavras brotavam de lágrimas reprimidas. Fraquejavam-lhe as vigorosas pernas. Respirava mal. A's vezes, para descansar o coração, fazia como Garrett: parava a conversar, a mirar um objecto frívolo. Mas a enfermidade progrediu e em-



**Depois do banho**

licitado por amigos e admiradores, foi para Lamego. N'esta cidade foi depressa o primeiro medico. Professor de mathematica nas Aulas Secundarias, da mesma disciplina o foi no Seminario desde 1869 e depois subdelegado de saude do concelho.

Em 1880 ficou professor effectivo de mathematica no Lyceu, como até então o fôra no Seminario. Em 1881, foi reitor do Lyceu, cargo que exerceu, com todos os governos, até 1896, quando o logar de reitor foi legalmente incompativel com o de professor.

Foi procurador á antiga junta geral do districto e excellente administrador do concelho em 1892. Em 1897, foi por deveras apontado por todos os conterraneos para deputado. Vice-presidente da commissão executiva do seu partido, era, com o dr. Miguel Moreira da Fonseca e com o conde d'Alpendurada, um dos melhores apoios do politica do visconde de Guedes Teixeira.



**Creanças brincando com a areia**

(Clichês de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

polgou-o emfim. Caiu, porém, como um forte — sorrindo e abençoando. Seus filhos, os Magalhães Ramalho, viram-no morrer suavemente, d'olhos em Deus. E o lucto d'elles foi o lucto de toda a cidade. Porisso, o dr. João Mendes, estando morto desde 1897, continua vivo no coração de Lamego e da Beira.

JOSÉ AGOSTINHO.

**NOTAS**

Nasceu a 7 de junho de 1836, em Cambres, cercanias de Lamego e falleceu a 30 de dezembro de 1897, Bacharelou-se em medicina, tendo sempre ora *accessits ora premios*. As mesmas distincções alcançou na faculdade de mathematica que frequentou até ao segundo anno, como na de philosophia que frequentou até ao terceiro.

Formado, concorreu ao partido medico de Meação-frio onde viveu até 1866, anno em que, muito sol-





**APULIA—Festa da Senhora da Guia**

N'esta linda praia realisou-se uma importante festa a Nossa Senhora da Guia que foi muitissimo concorrida. A' passagem da procissão na praia houve sermão ao ar livre.



**BRAGA—Os novos presbyteros ultimamente ordenados pelo venerando Bispo de Lamego na igreja do Seminario**

(Cliché do phot. am. snr. Manuel da Silva Isidoro)





# LISBOA -- O ultimo indulto

---



Presos políticos sahindo da Penitenciaria



Um grupo de indultados a caminho do governo civil

(Clichés do nosso corresp. phot. em Lisboa)

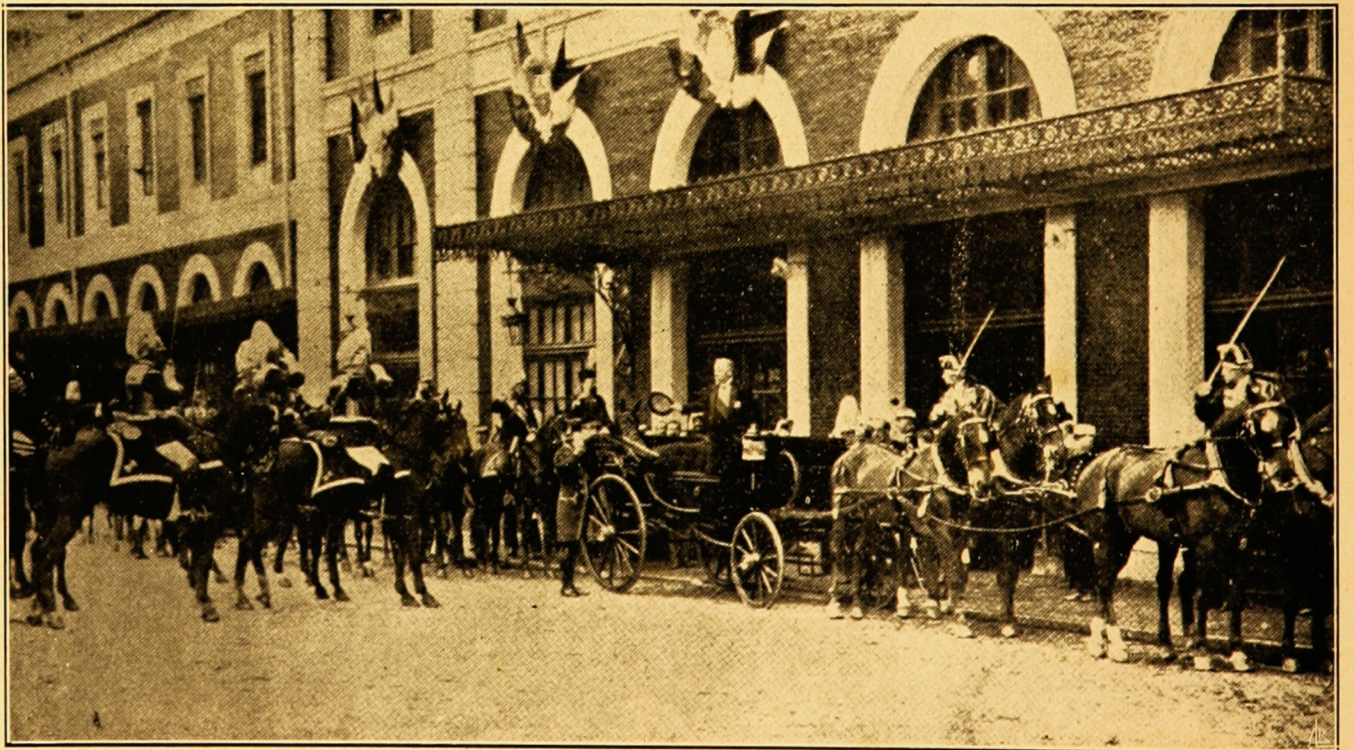


# NOZAS DO ESTRANGEIRO

## Poincaré em Hespanha



MADRID—O presidente da Republica Franceza chega á estação do Norte e é apresentado por Affonso XIII ao governo



MADRID—Poincaré saudando o povo que o acclamava.

